

Os tecnocratas não assumiram a responsabilidade pela formulação das leis por sua própria iniciativa, expulsando os juristas dessa atividade. Os juristas é que se demitiram, omitindo-se à medida que a economia do país foi ficando mais sofisticada em decorrência do desenvolvimento experimentado nos últimos tempos.

Esta é a opinião manifestada pelo Sr. José Luís Bulhões Pedreira, membro de uma das mais importantes bancas de advocacia fiscal do país, redator da Lei do Mercado de Capitais, agora incumbido pelo Governo de colaborar na redação de uma nova lei sobre as sociedades anônimas. Segundo ele, a hegemonia dos profissionais de formação econômica sobre os de formação jurídica é um fenômeno que começou na década de 50, quando se acelerou o surto industrial do país.

Decadência do bacharel

Com a modificação que se efetuou, reconhece o Sr. Bulhões Pedreira, que as leis passaram a ser infinitamente mais eficientes, mas perderam o valor jurídico. Ele adverte que não se trata de um fenômeno brasileiro, pois expande-se por todo o mundo a tendência de atribuir a especialistas a elaboração das leis e as normas com força de lei.

— Os advogados ficaram isolados dentro da sociedade porque continuaram a manter um comportamento beletista, enquanto o mundo sofria profundas transformações de estrutura. Por isso, caíram para plano secundário juntamente com os políticos de que são legítima expressão.

Bulhões Pedreira acredita que o desconhecimento de complexas questões econômicas e sociais — ou uma atitude de alienação diante das modificações que se efetuaram dentro da sociedade — levou o bacharel para uma posição de segundo plano, enquanto o economista era guindado às posições de maior responsabilidade e poder de decisão.

Ele observa que 90% dos advogados não são capazes de ler um balanço de uma empresa.

— Eles estão falando uma linguagem que não é a do mundo de hoje. Mas, somos obrigados a reconhecer que a sociedade não poderá prescindir da colaboração do bacharel. Acho que seria saudável a



José Luís Bulhões Pedreira

conciliação do tecnocrata e do bacharel. Não sei como isso poderá ocorrer — disse.

Imperativo

O sr. Bulhões Pedreira lembra que a formação acadêmica confere ao bacharel uma visão humanista do mundo em que a liberdade individual ocupa posição destacada. Quer dizer, "o advogado quer a justiça, o tecnocrata a eficácia". Como esta se tornou um imperativo do crescimento, aquela foi relegada a um plano secundário.

Mesmo porque, ele adverte, nada resiste ao fluxo da vida. A medida que a economia se tornou mais complicada, mais complexa, cada um dos intrincados problemas gerados pelo crescimento passa a ser acessível somente a um grupo restrito de especialistas. Verifica-se que esta constitui uma característica de nosso tempo.

Reconhece Bulhões Pedreira que esse fenômeno poderá comprometer a preocupação pelo homem como pessoa, tanto que especialistas no mundo inteiro procuram novos modelos de prática

política para as sociedades de estilo cultural do tipo ocidental. Mas, se pode estar errada a formulação das leis somente pelo tecnocrata, constitui uma posição irrealista tentar a manutenção do monopólio legislativo nas mãos do Congresso.

Embora tenha chegado ao Brasil com a revolução industrial dos anos 50, essa tendência se manifestara nos Estados Unidos por volta de 1930, quando começaram a ser criadas comissões com delegação legislativa. Lá existe a Securities and Exchange Commission com poderes bastante amplos para dispor sobre normas de investimento. A mesma autonomia é dada a comissões especializadas em legislação na marinha mercante, comércio, ferrovias, etc.

No Brasil, atualmente, diz, as decisões do Banco Central têm força de lei, havendo grupos encarregados de legislar nos mais diversos setores, como, por exemplo, na marinha mercante. Ele acredita que essa tendência é irreversível, mesmo porque a sociedade não tem outra alternativa.

Reconhece que, embora mais eficiente, a legislação dos tecnocratas apresenta muitas desvantagens em relação àquela elaborada pelos juristas.

Eficiência e justiça

Principalmente porque o tecnocrata é uma pessoa cuja formação se baseia fundamentalmente no respeito absoluto ao valor eficiência, sem manifestar qualquer preocupação pelo valor da justiça. Preocupa-o a maximização da eficiência, relegando a plano secundário considerações de ordem humanística.

Todavia, o fato de as leis passarem a ser redigidas pelos tecnocratas constitui uma opção da sociedade em favor da celeridade do desenvolvimento. Esta é uma opção que certamente favorece as pessoas de menor renda, pouco preocupadas com a justiça e o humanismo, mais propensas a discutir problemas relacionados com a sua sobrevivência.

As pessoas de maior nível de renda é que se preocupam em assegurar à sociedade maior dose de justiça. Ao contrário, os que não têm o que comer estão preocupados, antes de tudo, em assegurar

sua sobrevivência física, o seu sustento. E para que se produza mais riquezas, de forma que sobre comida para todos, é preciso que a sociedade se organize como uma máquina em que o principal objetivo é a eficácia.

Bulhões Pedreira assinala que as pessoas que têm nível de poder aquisitivo acima de suas necessidades de consumo costumam ter outras pretensões e a alimentar outras expectativas. Contudo, a sociedade é levada a fixar suas prioridades políticas que se destinam a considerar preferentemente a solução dos problemas que afligem as camadas mais pobres.

Nessa hipótese, a máquina considera indispensável o concurso do tecnocrata. Ele admite que a tecnocrata é realmente "um instrumento aterrador", mas constitui uma inovação irreversível da sociedade de consumo.

Ele compreende as razões daqueles que atacam a sociedade de consumo, mas indaga qual a alternativa existente numa economia de mercado. E acentua que no Brasil o aumento populacional torna imperativa a batalha pelo desenvolvimento, cujo objetivo é o de assegurar a maior multiplicação de riqueza possível, a fim de atender às atuais e às novas gerações em suas necessidades.

Distorções

O Sr. Bulhões Pedreira reconhece que, sem dúvida, o desenvolvimento econômico trouxe algumas distorções em seu bojo. Todos passaram a se satisfazer com o crescimento de índices econômicos, "quando isto nem sempre traduz a felicidade da população".

A urbanização, que no Brasil se torna explosiva após o surto industrial, torna a vida monstruosa nas grandes cidades. Ele lembra "como era agradável a vida no Rio de há 20 anos atrás". O vertiginoso crescimento da cidade tornou a vida mais difícil para todos os seus habitantes.

Considerando-se um homem otimista, sem perder o senso da realidade, ele manifesta a esperança de que a sociedade demonstrará a sabedoria necessária para superar os problemas e distorções de seu intenso desenvolvimento econômico, contribuindo para tornar a vida melhor de ser vivida por todos os brasileiros.

Mesmo porque Bulhões Pedreira acha que "o importante é viver. Viver e assumir responsabilidades sociais. Contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade pelo trabalho e a inteligência. É extraordinário, por exemplo, saber que o nosso esforço pode ser importante na medida em que influi na melhoria de vida de um país de mais de 100 milhões de pessoas.

Os estudiosos terão de utilizar a imaginação para solucionar os complexos problemas humanos gerados pela revolução tecnológica em todo o mundo. O Brasil, particularmente, pode se constituir num laboratório fascinante para os estudiosos, pois o nosso país constitui um desafio para os brasileiros".

Conciliação

— É preciso que tenhamos humildade, pois quem perde o poder de autocrítica perdeu tudo. É preciso aceitar que se erra e se acerta.

No capitalismo, o que o preocupa é a alta dose de burocracia gerada pelas grandes empresas, os grandes complexos. Esta característica da sociedade capitalista realmente é aterradora para o homem.

Pessoalmente, ele não sabe se o mundo marcha para o socialismo e nem qual será o melhor caminho. Assusta-o no socialismo uma dose de burocracia ainda maior. A formidável e poderosa engrenagem do Estado moderno sobrepondo-se acima de tudo e de todos.

Bulhões Pedreira acredita que existe uma excessiva preocupação em nosso regime econômico com a escala operacional das empresas. Para ele, a empresa maior não é necessariamente mais eficiente do que a menor. Isto talvez ocorra na área industrial, mas não prevalece no setor ocupado pelas empresas de serviços.

Ao constatar a excessiva predominância do tecnocrata, ele admite que a reinserção do elemento humanístico deve se constituir numa preocupação de todos — conciliar a eficiência do tecnocrata com o valor da justiça encarnado pelo bacharel, o homem de formação humanística, preocupado em conferir qualidade à vida.

Esta conciliação entre o técnico, o economista e o bacharel é a fórmula ideal que deve ser buscada.